

# AVALIAÇÃO DA JORNADA ÚNICA EM SÃO PAULO

BERNARDETE A. GATTI\*

Ao conversar com a Prof.<sup>a</sup> Nícia M. Bessa, disse-lhe que procuraria transmitir a vocês uma idéia do que será o projeto que vamos começar a pôr em ação no segundo semestre de 1992: - **Avaliação da Jornada Única em São Paulo.** Além disso, apresentaria uma idéia de como esse projeto está estruturado, o que pretende e sua metodologia. Bom, para quem não sabe o que é a Jornada Única, vou começar do começo.

Em 1984 foi instituído em São Paulo o Ciclo Básico de Alfabetização, experiência que hoje vários estados têm. No Ciclo Básico a criança faz as duas primeiras séries sem reprovação formal. Ela será avaliada no final do segundo ano para passar ao terceiro. Discutindo dados do Ciclo Básico, que foram sendo coletados durante toda a experiência, verificou-se que, segundo documentos da Secretaria de Educação, talvez fosse mais interessante dar mais tempo, tanto ao professor como ao aluno na escola. Então, em 1988, instituiu-se a Jornada Única para crianças e professores do Ciclo Básico. Ou seja, o professor das duas primeiras séries trabalharia por seis horas, regeria uma classe só e teria vantagens salariais para se dedicar a uma única classe.

Esperava-se que, para as crianças, vantagens também pudessem existir na medida em que o professor teria tempo para corrigir trabalhos dos alunos, preparar aulas, participar de reuniões com os demais professores que lecionas-

---

\* Coordenadora do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, São Paulo.

sem no Ciclo Básico, enfim, melhorar seu perfil profissional. As crianças não ficariam as seis horas com seu professor: haveria um período em que elas estariam fazendo a merenda, um período em que elas estariam desenvolvendo atividades de educação física e atividades de educação artística, o que daria tempo ao professor da classe para fazer outros tipos de trabalho. Então a proposta da Jornada Única veio como uma proposta de um novo tipo de permanência na escola para o professor e para o aluno, visando a propiciar ao professor, dentro da escola, um espaço para trabalho pedagógico, e, para o aluno, diversificar seu contato já com outros tipos de professores, tendo também outros tipos de atividades que cooperam para o seu desenvolvimento: seriam as atividades ligadas à educação física e à educação artística.

A proposta envolveria ainda distribuição de material pedagógico e instruções para seu uso adequado, e cursos de reciclagem realizados quer em seu período de permanência na escola, quer fora.

A Jornada Única não foi implantada ainda em todas as escolas, porque, evidentemente, para fazer funcionar todas as turmas de Ciclo Básico durante seis horas, a escola só pode trabalhar em dois turnos com essas classes. Muitas escolas não puderam se adaptar ao sistema porque não tinham salas suficientes. Isso vem sendo feito ao longo do tempo; hoje, praticamente noventa por cento das escolas já têm a Jornada Única implantada no Ciclo Básico. Então a questão é: Ciclo Básico/Jornada Única causam algum impacto, algum diferencial no desempenho e no desenvolvimento intelectual das crianças? Houve diferenciais no desenvolvimento das habilidades básicas que devem ser adquiridas? Altera-se a relação aprovação/reprovação/evasão?

E, por que uma avaliação da Jornada Única? Justamente porque há um grande investimento atualmente para o desenvolvimento e a implantação definitiva da proposta, tanto a nível de construção escolar como a nível de material didático e de treinamento de pessoal, com financiamento externo. Para acompanhar esse processo de consolidação da Jornada Única foi então pensado em processo avaliativo. Esta avaliação vem sendo exaustivamente discutida, em várias instâncias (há três anos o projeto está sendo discutido) e é uma avaliação que, no fundo, avaliará as ações da própria Secretaria. Várias entidades apresentaram projetos, e houve uma seleção destes. Nós vamos nos encarregar da avaliação de processo e de produto; outra instituição deve fazer a avaliação do gerenciamento do sistema, e do gerenciamento da unidade escolar; outra avaliará a questão dos custos, etc. Isso tudo depois deverá ser integrado. É um projeto amplo, vai durar três anos e meio, e vamos acompanhar toda uma coorte de alunos, durante este tempo.

Embora a Jornada Única esteja sendo desenvolvida em todo o Estado, o projeto de avaliação se restringe à Grande São Paulo. Este projeto tem, evidentemente, como objetivo avaliar, primeiro se o aumento de período diário de permanência da criança na escola e as novas condições de ensino e aprendizagem

propiciadas pela proposta de implantação da Jornada Única têm algum impacto diferencial: todos os insumos que estão sendo propiciados para o Ciclo Básico e a Jornada Única melhoraram significativamente o nível de aproveitamento escolar dos alunos? Quais as evidências desta melhoria? Isto vai ser analisado em dois níveis: num nível macro, com as estatísticas de reprovação, evasão, fluxo de alunos, etc, e em outro nível, uma avaliação de desempenho. Nesta avaliação de desempenho, haverá testes de rendimento escolar por três anos seguidos, avaliando os alunos que se matricularam este ano no Ciclo Básico/Jornada Única, e alunos que se matricularam em escolas que não têm Jornada Única. Os testes examinarão questões de Língua, Leitura e aprendizado em Matemática. Este mesmo grupo de alunos será acompanhado no segundo e no terceiro ano, para que possamos verificar, neste contínuo, o que vai acontecendo com estes alunos em termos de aprendizagem, comparando as escolas que têm Jornada e que não têm, para ver se há diferenças significativas. A idéia é ver qual é a probabilidade de sucesso real dessas crianças no sistema. O estudo será amostral, envolvendo de início 3.600 alunos distribuídos em 60 escolas.

Além deste estudo longitudinal, que vai ser acompanhado de um estudo da escola e um estudo junto às famílias, será realizado um estudo antropológico em quatro escolas, selecionadas segundo alguns critérios específicos. Pretende-se fazer um estudo antropológico em profundidade do processo ensino-aprendizagem, métodos de ensino (o que o professor está fazendo dentro da sala de aula, qual o seu comportamento pedagógico, seu desempenho, como é que ele estimula as crianças, enfim: um método observacional, de campo, com imersão integral nestas escolas). Será feita a observação da família, trajetória de vida, perspectivas e expectativas.

Será feito, também, um trabalho que julgamos neste estudo antropológico, importante, que é o de acompanhar grupos de crianças para avaliar o seu desenvolvimento cognitivo com um instrumental construído especificamente para este fim. Aqui não estamos falando de aprendizagem de conteúdos escolares mas de habilidades, de funções gerais e específicas.

Os focos de análise serão: 1) os antecedentes sociais dos escolares, considerados como variáveis exógenas (renda familiar, trajetória de vida, renda per capita mensal, escolaridade dos pais, padrões sócio-culturais da família, etc); 2) a estrutura e dinâmica da experiência escolar, que são as variáveis endógenas (condições materiais da unidade escolar, perfil profissional e sócio-econômico do diretor, dos professores, dos coordenadores do Ciclo Básico, integração da equipe escolar, proposta pedagógica da escola para o Ciclo Básico, situação do fornecimento de merenda, relação escola-comunidade, etc). Uma série de instrumentos de coleta de dados serão utilizados e estão sendo elaborados com essa finalidade específica.

Especial cuidado será dedicado à coleta destes dados, inclusive no sentido de que eles sejam passíveis (posteriormente, já que vários são qualitativos

na sua origem) de transformarem-se em indicadores que possam ser confrontados seja com o desenvolvimento cognitivo da criança, seja com o próprio rendimento escolar, seja com a trajetória dessa criança na escola ou no sistema, caso ela mude de escola.

Grosso modo, o projeto é este e não vou entrar em detalhes sobre a estrutura dos instrumentos, a qual já está delineada, mas queria chamar a atenção para dois aspectos que merecem cuidados especiais:

**1) A elaboração dos instrumentos de avaliação** - A construção de provas interessantes nas quais se tenha um certo nível de confiabilidade é muito difícil. Temos feito vários ensaios e tentativas, temos vários conjuntos dessas provas analisados, e cada vez nos defrontamos com um novo problema e com uma grande limitação.

Provas para crianças de 1ª, 2ª e 3ª séries não podem ter um grande número de itens, porque a criança se cansa, embora alguns avaliadores reclamem de um número pequeno de itens. Numa prova longa, a criança começa a brincar, ou se desinteressa, ou desiste, etc. Então, tem-se que fazer uma combinação entre garantir uma boa validade, sobretudo de conteúdo dessa prova, respeitando as características das crianças. Assim, não se pode seguir um manual no sentido estrito. Temos que criar nossas alternativas. A construção da prova é complexa. É preciso garantir que ela realmente apreenda e revele aquilo que se quer assessorar. Por isto alguns princípios operacionais devem ser bem definidos para se ter clareza dos limites de avaliação a ser feita.

Parece que é fácil fazer uma prova para crianças de 1ª, 2ª e 3ª séries, mas não é! É mais difícil do que fazer para o vestibular, onde se admite que todas as pessoas estão prontas intelectualmente, tem-se um certo conteúdo e pergunta-se por aí. Já com crianças, a prova deve ser muito discutida com professores de diferentes orientações, deve ser analisada em amostras-piloto, para ver como a criança se comporta... não é simples. Esta é uma questão que exige muita atenção.

A idéia é que a prova seja flexível, que a criança se sinta à vontade, uma prova alegre e ao mesmo tempo uma prova que revele o tipo de conhecimento que, de fato, a criança tem, como é que ela lida com este material, por exemplo, que é a língua. Este cuidado com a prova nos parece fundamental. Falar em desempenho escolar a gente fala, existem grandes modelos, grandes estatísticas. A questão é: baseadas em quais instrumentos de coleta de dados? Por exemplo, quanto ao instrumento de desenvolvimento cognitivo (ainda não sabemos como vai se chamar), a idéia, neste projeto, é de detectar o avanço que a criança tem na sua compreensão das coisas. Queremos fugir dos testes que são usados e estamos para isso elaborando a partir de experiências concretas com variados instrumentos um referencial teórico específico que nos permita, no contexto de nossas escolas, ter uma aproximação da trajetória das crianças na sua elaboração/reelaboração do mundo em suas expressões e comportamentos. Assim,

este instrumento de "avaliação cognitiva" vai caminhar um pouco por aí. Vai ver como é que a criança é capaz de estruturar as situações. Para isto é que temos que fazer um estudo antropológico, porque cada criança precisa de atenção individual, no caso, e vai ser acompanhada 3 vezes ao ano, num total de 7 vezes ao longo destes três anos e meio.

Portanto, o cuidado com o instrumental é fundamental senão o resto do modelo de avaliação pode ser o mais sofisticado do mundo, mas desmorona. Desmorona também se um segundo aspecto não for contemplado.

2) O outro ângulo, então, que é muito importante, é a **fidedignidade da coleta de dados**. O processo de coleta deve merecer a maior atenção, quer se trate de aplicação de instrumentos a alunos, quer a diretores e professores, quer a pais. Aqui a garantia de que o dado fornecido é nas melhores condições, e no caso de questionários, com respostas confiáveis, é a questão crucial. Respostas comprometidas, modelo de análise invalidado.

Vamos ter um cuidado especial, muita atenção com a coleta. Todos os aplicadores serão treinados por nós, estarão trabalhando junto conosco 3 anos e meio, são pessoas de fora do sistema, habilitadas para lidar com aquelas crianças, para depois aplicar os testes, os questionários, as entrevistas. Nós nos preocupamos muito com isto porque já tivemos experiências com modelos avançados que não se sustentaram face a vícios na coleta. E esses não se podem corrigir a posteriori.

